



GLOBALIZAÇÃO E CAPITAL NA METRÓPOLE: A PSICOSFERA DOS INVESTIMENTOS E OS SERVIÇOS AO MERCADO FINANCEIRO EM SÃO PAULO

Wagner Nabarro ¹

RESUMO

Ao se estruturar enquanto centralidade financeira no território brasileiro, a metrópole de São Paulo mobiliza uma série de serviços associados às atividades empresariais e do mercado de capitais nacional. Buscamos fornecer evidências da mobilização de uma tecnosfera e uma psicosfera associadas aos investimentos financeiros, que fortalecem processos como a ampliação das poupanças investidas, a internacionalização do mercado brasileiro e a aceleração das trocas, na medida em que dotam o território de novas tecnologias da informação e comunicação que permitem multiplicar e acelerar os fluxos financeiros. Esse processo resulta em uma amplificação ainda maior da centralização exercida pela metrópole paulista sobre as finanças nacionais, marcadamente neste período caracterizado pela globalização

Palavras-chave: mercado financeiro, São Paulo, metrópole, globalização, investimentos.

RESUMEN

Al estructurarse como una centralidad financiera en el territorio brasileño, la metrópoli de São Paulo moviliza una serie de servicios asociados a la actividad empresarial y al mercado de capitales nacional. Buscamos aportar evidencia de la movilización de una tecnosfera y una psicosfera asociada a las inversiones financieras, que fortalecen procesos como la expansión del ahorro invertido, la internacionalización del mercado brasileño y la aceleración de los intercambios, ya que brindan al territorio nueva información. tecnologías y comunicaciones que permitan multiplicar y acelerar los flujos financieros. Este proceso se traduce en una amplificación aún mayor de la centralización que ejerce la metrópoli paulista sobre las finanzas nacionales, marcadamente en este período caracterizado por la globalización.

Palabras clave: mercado financiero, São Paulo, metrópoli, globalización, inversiones.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo – USP, wagnerwn@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Os investimentos financeiros são, no contexto do mercado de capitais, uma forma de reprodução do capital retido em lucros, dividendos e poupanças, que é canalizado às companhias que emitem títulos de ações, dívidas e derivativos para arrecadarem fundos para suas atividades, sem que precisem contar apenas com o crédito bancário e o financiamento público para além de suas próprias receitas.

A estrutura do mercado de capitais conta com diversos agentes e serviços dispostos no território. Se de um lado temos os investidores e do outro as companhias, entre eles há variadas instituições financeiras que intermedeiam as operações e, em torno de todas essas operações, há uma constelação de serviços associados. Serviços que atuam com informação para o mercado financeiro são múltiplos, desde o agenciamento de notícias, a contabilidade, a autoria, a publicidade, as análises de risco, entre outros. Esse grande número de empresas orbitando o mercado e trabalhando com informações financeiras se reúne, apesar de sua multiplicidade, em poucos e seletivos pontos do território nacional.

A proliferação de instrumentos financeiros ocorreu nas últimas décadas como resultado da reestruturação levada a cabo a partir da desregulação e desintermediação das atividades financeiras (DICKEN, 2010), estendendo as operações para muito além das tradicionais companhias bancárias. Essa multiplicação de serviços esteve associada a uma internacionalização das atividades cambiáveis de serviço (DANIELS, 2002), ou seja, a formação de grandes empresas de serviço corporativo que prestam serviço em vários países, instalando sedes em um processo de expansão ainda em curso.

No território brasileiro, observamos a existência de uma única bolsa de valores, a B3 – Brasil, Bolsa, Balcão, fruto de um processo de centralização do mercado de capitais a partir da fusão de bolsas regionais com a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), posteriormente incorporando a Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F, em 2008) e a Central de Custódia e de Liquidação Financeira de Títulos Privados (CETIP, em 2017), responsáveis pelos maiores mercados nacionais de derivativos e de renda fixa, respectivamente. A bolsa domina completamente, portanto, o mercado de ações brasileiro e, para além disso, possui grande preponderância sobre o mercado financeiro em geral.



Três reestruturações foram fundamentais para que o mercado de capitais nacional atingisse o formato atual. A reforma do mercado de capitais ocorrida em 1964 reorganizou as bolsas de valores e as sociedades corretoras, transformando-as em empresas, seguindo-se um movimento de expansão do mercado. Nos anos 1990, a estabilização monetária e uma maior abertura dos mercados ao capital estrangeiro estiveram associadas a uma renovação do sistema financeiro. Com a reformulação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB) e a Rede do Sistema Financeiro Nacional (RSFN), o país passou a ter um “conjunto de normas para regular as transações diárias executadas pelos principais agentes financeiros instalados no território” (CONTEL, 2011, p. 127). Finalmente, a terceira reestruturação foi a referida centralização do mercado de capitais, coroada com a desmutualização da bolsa, momento a partir do qual passou a se constituir enquanto holding de capital aberto.

Nesse cenário, São Paulo desponta enquanto cidade que sedia não apenas a única bolsa de valores do país, mas também grande parte das corretoras de valores e uma parte significativa das sedes bancárias, sobretudo aquelas dos bancos de investimento (ALVES, 2015). Estruturando-se sobre um processo de industrialização a partir da convergência do capital cafeeiro, a bolsa paulista ajudou a fomentar o estabelecimento de novas empresas desde seus primórdios (HANLEY, 2001), tornando-se o maior mercado acionário do país, e eventualmente o único. A partir de então, agentes econômicos presentes em seu centro de negócios participam ativamente do processo de internacionalização, publicização e ampliação das atividades de investimentos financeiros do país.

METODOLOGIA

Como forma de proceder à investigação, identificamos primeiramente a concentração de empresas do setor financeiro por meio da análise topológica das sedes corporativas. Ao selecionar empresas atuantes no mercado de capitais, atentamos sobretudo para as atividades desempenhadas e para seu caráter informacional, incorporando empresas que atuam tanto na intermediação financeira, como bancos, corretoras e distribuidoras, mas também aquelas que atuam com a informação financeira, tais como agências de notícias e jornais com atuação na área de economia, empresas de software com destaque na área de investimento.



Atentamos, além da topologia, para as ações praticadas e os discursos veiculados, bem como para as relações estabelecidas entre si e com os demais agentes, tanto do setor privado como do setor público, procurando observar como a regulação é construída em conjunto pelo Estado, por associações representativas e pelos próprios agentes atuantes no mercado. Sobretudo, atentamos ao papel desempenhado pela bolsa de valores B3 – Brasil, Bolsa, Balcão, na medida em que atua como grande instituição central para o mercado de capitais do país, organizando-o mas também atraindo para si grande parte dos projetos e rumos do mercado financeiro. A análise da empresa, de suas atividades recentes, de suas iniciativas e das características de suas operações nos ajuda a compor o cenário do setor financeiro nacional e compreender os meios pelos quais a concentração de serviços se estabelece.

REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de mundialização financeira (CHESNAIS, 1998) progressivamente levou os países a adotarem uma série de políticas de abertura de mercados e liberalização de fluxos financeiros, de maneira a terem seus mercados cada vez mais interligados. Uma rede internacional de investimentos vem ampliando sua atividade a partir disso, recolhendo e aplicando capitais ao redor do globo, circulando entre os centros financeiros, demandando serviços e influenciando em decisões econômicas. Para isso, no entanto, é necessário que haja uma base técnica suficiente e eficaz que permita essa fluidez ao capital. A formação dessa mais-valia global a partir da produção e dos investimentos sempre em circulação se baseia, sobretudo, em uma unicidade da técnica e do tempo (SANTOS, 1996) estabelecida de maneira que os agentes possam conectar-se aos lugares dispondo das mesmas tecnologias e agindo de forma tanto mais instantânea possível.

A instalação do meio técnico-científico informacional (SANTOS, 1994) no território é que permite dotá-lo de diversas novas formas e instrumentos de investimento financeiro. Tanto a possibilidade dos potenciais investidores de acessar o mercado de capitais quanto o aprofundamento de seu uso pelas corporações dependem da profusão de objetos e sistemas técnicos. Atualmente, a rede de internet é fundamental para ampliar o alcance das negociações, permitindo aos lugares que tenham acesso a ela



realizar operações, ainda que de maneira diferencial conforme a velocidade e estabilidade disponível aos pontos de acesso.

As técnicas instaladas carregam em si intencionalidades e inspiram ações. Por isso, falamos de uma tecnosfera, esse conjunto de técnicas postas à disposição e que fundamentam a atividade da sociedade em um determinado lugar, mas também de uma psicofera, um conjunto de emoções, racionalidades, imaginários e desejos associados a essas técnicas, e indissociáveis delas (SANTOS, 1996) e que pode nos servir à interpretação das finanças num contexto do capitalismo marcado pela globalização e por um uso corporativo do território (KAHIL, 2012). Assim, estão imbuídas nas técnicas financeiras determinadas proposições e sentimentos que serão importantes e se associarão aos lugares ocupados pelas atividades, encontrando sua expressão em uma economia marcada pela centralidade metropolitana e pela interconexão entre mercados.

O meio técnico-científico-informacional, como dito, se instala de maneira diferenciada e o diagnóstico dessa concentração já foi realizado por Santos e Silveira (SANTOS; SILVEIRA, 2001) ao tratarem da formação da Região Concentrada no Brasil, na qual pode-se observar a concentração de muitas variáveis fundamentais para o período atual. No estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre as Regiões de Influência das Cidades (REGIC), a concentração financeira nessa região e o papel preponderante de São Paulo se tornam evidentes, bem como o papel secundário assumido por Rio de Janeiro e Brasília, associado às instituições bancárias e governamentais, seguidas por subcentros como Belo Horizonte e Porto Alegre.

A formação desses centros corporativos já foi identificada também por Corrêa (1989) que apontou, a partir da concentração bancária, centros de gestão do território, onde as decisões econômicas se concentram. A formação de centros financeiros é um fenômeno observado em todo o mundo, com a concentração de atividades e serviços financeiros em poucos pontos. Essas centralidades têm uma tendência à sua própria manutenção (PORTEOUS, 1999), na medida em que a existência de grande número de serviços influencia a atração de sedes corporativas, que por sua vez servem de clientes potenciais interessados no surgimento de novos serviços.



As grandes metrópoles, atraindo grande número de atividades e serviços diversificados, são fundamentais em especial para períodos de incertezas (VELTZ, 1999), na medida em que permitem maior flexibilização das atividades, permitindo a adaptação a novos mercados, novas demandas e novos contextos econômicos, justamente pela grande variedade de agentes existente. Assim, os grandes centros metropolitanos tendem a se impor, sobretudo no que diz respeito às atividades financeiras globais que vêm ganhando peso crescente nas economias nacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos vinte anos, a bolsa B3 tem apresentado diversas iniciativas no sentido de atração de novos capitais e de ampliação de sua base de investidores. Sobretudo, tem se apresentado como um serviço informacional que congrega títulos financeiros mas que atua sobretudo na organização do mercado de capitais nacional. É nesse sentido que damos a ela uma centralidade no que diz respeito ao sistema financeiro, observando que sua atividade e sua localização possuem ampla influência e relevância na própria organização dos demais agentes. Da mesma forma, seus projetos e suas dinâmicas vêm influenciando o mercado financeiro em sua relação com a economia.

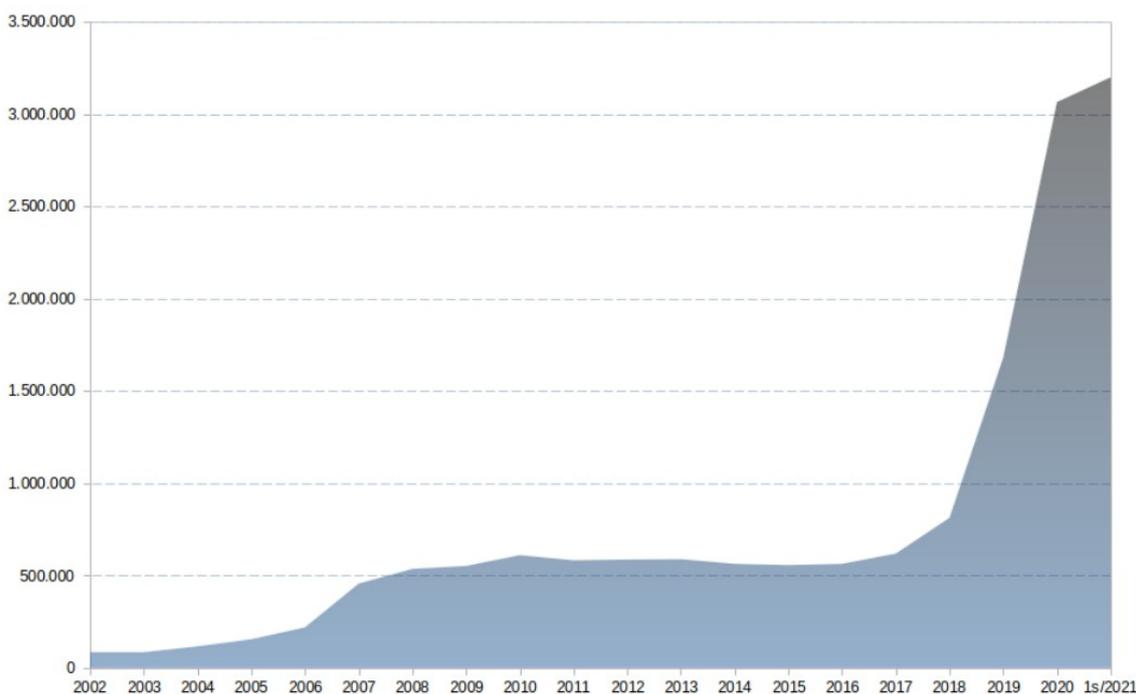
A incorporação das inovações técnicas do mercado de capitais pela bolsa esteve associada à importação de técnicas – a exemplo do sistema Megabolsa que foi implementado a partir da bolsa de Paris e sucedido pelo PUMA Trading System, baseado no sistema da Chicago Mercantile Exchange (CME). Atualmente, a bolsa oferece acesso direto ao mercado, inclusive com a prática do co-location, que consiste na instalação de equipamento de negociação acoplado ao centro de processamento de dados da bolsa. Isso facilitou o acesso a negociações cada vez mais velozes, inclusive das chamadas negociações de alta frequência (*high frequency trading*), marcando a aceleração das negociações como um caráter dos anos recentes da bolsa. A quantidade de informações geradas, exigente de grande capacidade de processamento, inspirou a instalação de um grande Centro de Processamento de Dados em Santana de Parnaíba, município adjacente ao de São Paulo. Esse movimento é análogo ao de outras empresas informacionais e financeiras que têm buscado mover seu processamento de dados para



unidades dedicadas localizadas próximas à metrópole, portanto em um círculo de proximidade espacial com as sedes administrativas corporativas, porém fora das áreas centrais, possibilitando acessar terrenos maiores, com menores custos pagos pelo uso de recursos.

Um elemento bastante notório da atividade da bolsa de valores de São Paulo nos últimos anos é sua publicidade e divulgação. Isso inclui a própria transformação do saguão onde ocorria o pregão até 2007 em um museu, com exposições interativas, mas também iniciativas educacionais voltadas a escolas, faculdades e parcerias com meios jornalísticos e televisivos. Iniciativas em parceria com outras instituições, inclusive governamentais, como a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) têm auxiliado na promoção do mercado de capitais no imaginário econômico do país. As iniciativas de divulgação têm contado com apoio publicitário de muitas empresas de corretagem de valores e de análise financeira, o que ajudou a expandir significativamente a base de investidores, como pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1. Pessoas físicas cadastradas para realizar operações na bolsa B3 (2002-2021)



Elaboração própria com base em dados da B3.

Conforme colocado por Beteille (1991), as bolsas, a partir dos anos 1960, se tornaram ativas em drenar as poupanças para os investimentos em capital, buscando ampliar seu capital de giro e também promovendo a privatização de ativos. É assim que

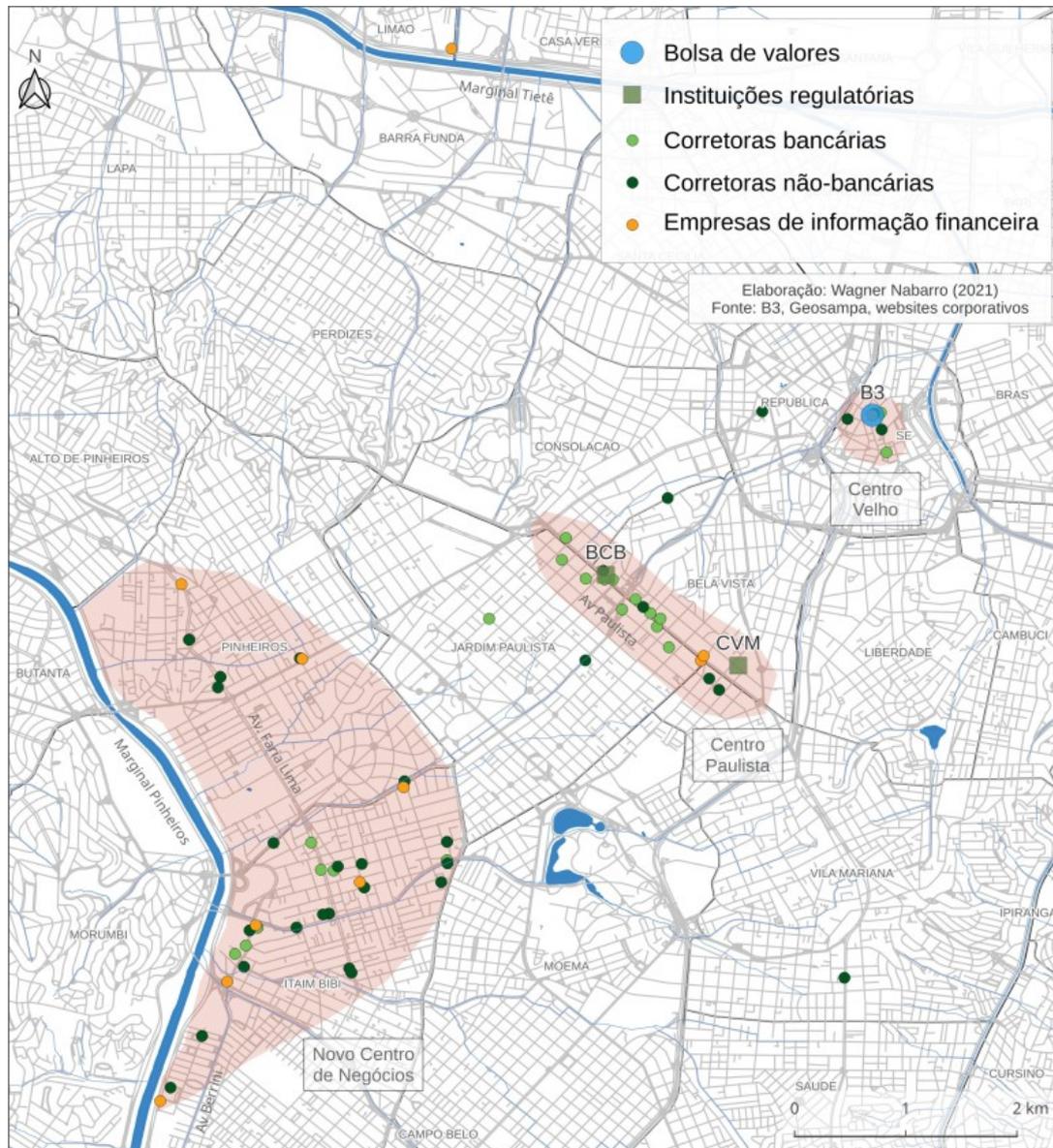


pode ser observado, com grande frequência, a pressão exercida pelo movimento de mercado, mas também pelos meios de comunicação que os identificam, sobre a privatização de empresas públicas, mas também sobre a incorporação de mais companhias à bolsa, contando com iniciativas para incentivo para que pequenas e médias empresas possam acessar o mercado de capitais.

A digitalização das negociações têm sido significativa para impulsionar a ampliação do uso de serviços financeiros, mobilizando uma base maior de investidores que, não necessitando comparecer a escritórios bancários ou à sede da bolsa para gerenciar seu capital, participam virtualmente das operações. Além disso, a complexificação dos instrumentos financeiros, bem como o aumento de seu uso pelas corporações, têm ampliado a gama de serviços de informação financeira. Contando com elementos como a atividade dos fundos de pensão e as empresas de previdência privada, um espectro cada vez maior da população é integrado às atividades do mercado de capitais, refletindo portanto em um decorrente aumento da quantidade serviços oferecidos, bem como uma maior variedade.

Os serviços financeiros, novos e antigos, têm apresentado uma topologia cada vez mais concentrada, apesar de sua variedade e multiplicidade. Observa-se acima de tudo uma concentração na metrópole paulista no caso das corretoras de valores, e praticamente a inexistência de sedes nacionais ou filiais estrangeiras de grandes corporações atuantes na informação financeira fora do centro de negócios de São Paulo. Assim, ilustramos no mapa 1 a disposição desses serviços na cidade de São Paulo. Essa concentração de serviços, sobretudo de caráter informacional, com uma grande evidência do chamado setor quaternário, de alta complexidade e de importância corporativa, é o que confere a São Paulo seu grande poder de controle e decisão econômica, bem como sua onipresença no território (SILVA, 2001).

Mapa 1. São Paulo: Concentração de serviços de informação financeira nos centros de negócios (2021)



Observa-se a partir da topologia interna ao município uma concentração até mesmo dentro da cidade de São Paulo. O centro mais tradicional da cidade abriga até hoje a bolsa B3, que optou por manter-se próxima de onde esteve por grande parte de sua histórica, desde o século XIX. Na segunda centralidade, os arredores da avenida Paulista, localizam-se várias sedes das corretoras bancárias, na medida em que várias das sedes de bancos permaneceram lá desde os anos 1970 e 1980, quando esta era a principal centralidade financeira da cidade. A grande maioria das empresas que atuam com informação financeira, no entanto, está no entorno do novo centro de negócios, sobretudo nas imediações do Itaim Bibi, nas linhas das avenidas Brigadeiro Faria Lima



e Luis Carlos Berrini. Lá estão localizados escritórios de empresas como a XP Investimento, grande empresa de corretagem de valores, e a Bloomberg, agência de informações financeiras ligada aos Estados Unidos. Esse arco da informação financeira em São Paulo, portanto, realiza a conexão entre os centros financeiros globais e o mercado de capitais brasileiro. Por lá passam, diariamente, fluxos de informação que embasam decisões a serem tomadas nas sedes corporativas e que incidirão sobre as demais porções do território.

Consideramos que essa concentração não é casual, mas fruto de projetos econômicos e urbanos que visam construir uma grande centralidade financeira na qual se apoie o mercado de capitais nacional em seu movimento de expansão e internacionalização. São Paulo é projetada como centro financeiro internacional (PASTI; SILVA, 2010) constituindo-se um planejamento de um centro de negócios cuja arquitetura é marcada pela verticalização, com a formação de complexos dedicados a abrigar escritórios-sede, filiais de transnacionais e serviços de alta tecnologia, que demandam redes de internet estáveis, acesso a energia e aos modais de transporte. A formação desse novo centro de negócio no quadrante sudoeste da cidade, englobando o entorno das avenidas Berrini, Nações Unidas e Faria Lima está associado a esse processo, a partir da incorporação de uma grande área da cidade por meio de operações urbanas consorciadas e sua construção se deu às custas de remoções e um remodelamento da ocupação pré-existente (FIX, 2015). Enquanto planejamento almeja colocar São Paulo entre o rol de cidades associadas à dinamicidade da economia global, consolida sua constituição enquanto metrópole corporativa e fragmentada (SANTOS, 1990).

Da mesma forma que o projeto da cidade se baseia na formação dessa centralidade de negócios, o planejamento econômico do mercado financeiro também parece convergir nesse mesmo sentido. Consideramos que há uma regulação híbrida do território (ANTAS JR., 2005) no que diz respeito ao mercado de capitais, a partir de uma normatização das finanças que conta com atuação conjunta da bolsa de valores com associações privadas e o poder público na forma das instituições Banco Central do Brasil e Comissão de Valores Mobiliário. A bolsa de São Paulo identifica-se como agente mobilizador e organizador do mercado de capitais, enquanto promove a expansão da base de investidores, a digitalização das operações, e a abertura aos capitais



estrangeiros. Conquanto aumentam os fluxos financeiros que atravessam as fronteiras, porosas na medida em que as políticas econômicas levadas a cabo também promovem maior intercâmbio de capitais, também há um aumento da vulnerabilidade do território frente aos fluxos financeiros, na medida em que, por sua posição periférica em relação às grandes decisões e inovações do mercado financeiro internacional, e seu interesse constante na atratividade de novos investidores estrangeiros, o mercado fica a mercê de crises, flutuações e movimentações nas redes internacionais de investimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise, identificamos a persistente concentração de serviços financeiros e informacionais em São Paulo, bastante profunda no que diz respeito ao mercado de capitais. A centralidade paulista, notadamente do novo centro de negócios em torno das avenidas Berrini, Nações Unidas e Faria Lima, obscurece as demais porções do território em relação à topologia empresarial.

Tendo em vista os acontecimentos desencadeados pela pandemia de Coronavírus no ano de 2020, emergiram discursos relacionados à realocação de atividades e ao reposicionamento de escritórios. Empresas relacionadas ao setor financeiro passaram a aderir à prática do home office e houve propostas de localização de escritórios em cidades adjacentes à metrópole, aos moldes do que já vem ocorrendo com a localização de centros de processamento de dados, exigentes de maiores áreas construídas e menores custos relacionados aos impostos e ao preço dos recursos.

No entanto, parece haver insuficiente evidência de qualquer movimento de desconcentração de atividades, e a metrópole parece fortalecer seu poder de atração sobre os serviços, em um movimento de retroalimentação no qual as empresas buscam localizar-se onde serão mais supridas de serviços corporativos avançados, enquanto os serviços garantem em poucas e grandes cidades sua maior clientela. A concentração das próprias instituições financeiras, como a bolsa de valores, os organismos governamentais e as associações empresariais, tem apenas colaborado para fortalecer esse processo.

Nesse sentido, cabe pensar por que e para que a centralidade ocorre em São Paulo e quais são as tendências futuras para esse movimento. A concentração de



decisões econômicas se relaciona a um conjunto de práticas e valores – portanto, à tecnosfera financeira se associa uma psicosfera de investimentos que encontra na metrópole paulista um lugar de difusão de ideários como a aceleração, a multiplicação de instrumentos financeiros, a privatização de ativos e a internacionalização dos investimentos. A concentração das decisões e da gestão dos fluxos financeiros pode inspirar, portanto, uma série de investigações a serem realizadas do ponto de vista geográfico, lançando luzes à dimensão social do processo de financeirização e ao lugar ocupado pelo mercado de capitais nas economias e nos territórios nacionais.

REFERÊNCIAS

ANTAS JR., Ricardo Mendes. **Território e regulação**: espaço geográfico, fonte material e não-formal do direito. 1. ed. São Paulo: FAPESP, 2005.

ARROYO, Mónica. A vulnerabilidade dos territórios nacionais latino-americanos: o papel das finanças. In: LEMOS, Amália I. G.; SILVEIRA, María Laura; ARROYO, Mónica (Org.). **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2006.

BETEILLE, Roger. La révolution boursière internationale. **L'information géographique**, v. 55, p. 1–10, 1991.

CHESNAIS, François. Introdução. In: CHESNAIS, François (Org.). **A mundialização financeira**: gênese, custos e riscos. São Paulo: Xamã, 1998.

CONTEL, Fabio. Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. São Paulo: Annablume Editora, 2011.

DANIELS, Peter W. **Service Industries**: A Geographical Appraisal. London: Taylor & Francis, 2002.

DICKEN, Peter. **Global shift**: mapping the changing contours of the world. New York: The Guilford Press, 2010.

FIX, Mariana. **São Paulo**: cidade global: Fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

HANLEY, Anne. A bolsa de valores e o financiamento de empresas em São Paulo, 1886-1917. **História Econômica & História de Empresas IV**, v. 1, p. 115–142, 2001.

KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. **Estudos Geográficos**: Revista Eletrônica de Geografia, v. 10, n. 2, p. 10–25, 2012.



PASTI, André; SILVA, Adriana Bernardes. O mercado de capitais e os círculos de informações financeiras no território brasileiro. **Confins** - Revista Franco-Brasileira de Geografia, n. 19, 2010.

PORTEOUS, David. The development of financial centres: location, information externalities and path dependence. In: MARTIN, Ron. **Money and the space economy**. New York: John Wiley & Sons, 1999.

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada**: o caso de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século 21. São Paulo: Editora Record, 2001.

SILVA, Adriana Bernardes. **A contemporaneidade de São Paulo**: produção de informações e novo uso do território brasileiro. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

VELTZ, Pierre. **Mundialización, ciudades y territorios**: la economía de archipelago. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.